

6.^a Reunião Internacional da RACS

A FLORESTA DE IMAGENS ANCESTRAIS E A ÉTICA DO BUEN VIVIR

Maísa Melara

Introdução

A frase "Corpo é terra, floresta é mente", proposta pela Articulação Nacional de Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), encapsula a profunda ligação entre a natureza e a mente humana, essencial para o bem-viver (ANMIGA, 2021). Esta visão de interconexão é amplamente promovida por poetas e pensadores indígenas contemporâneos, que utilizam a oralidade e a internet para disseminar conhecimentos ancestrais e recuperar as memórias do bem-viver. Ailton Krenak, um dos mais influentes ativistas e pensadores do Brasil, afirma que os indígenas não precisam de teorias acadêmicas para compreender a natureza, pois sempre souberam ouvir a voz dos seres da floresta. Este relato de pesquisa, parte de minha dissertação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, explora essa visão indígena da natureza e da mente e suas implicações para práticas éticas em saúde coletiva.

Objetivos

Explorar a visão indígena de interconexão entre natureza e mente e discutir a importância da memória ancestral e sua relação com a saúde e bem-viver.

Métodos

Através de um método analítico descritivo, investigamos as interconexões entre natureza e mente. Realizamos uma revisão da literatura de obras de pensadores indígenas contemporâneos e exploramos metodologias descolonizadoras. Também investigamos projetos como "Selvagem - Ciclo de estudos sobre a vida" para compreender como os saberes indígenas são compartilhados e preservados.

Resultados

Linda Tuhiwai Smith (2018), em "Descolonizando Metodologias", enfatiza a importância de uma agenda indígena global que resista às adversidades impostas historicamente. Os

povos indígenas lutam pela autodeterminação e pela reescrita de suas histórias, rejeitando narrativas excludentes. A pesquisa indígena, profundamente enraizada em cosmologias e práticas comunitárias, contrasta significativamente com a pesquisa ocidental não indígena, que valoriza a objetividade e a neutralidade do positivismo científico, promovendo uma observação interna onde os pesquisadores são simultaneamente sujeitos e observadores da pesquisa.

Os projetos de pesquisa dos povos indígenas, conforme Smith, focam na relação com a terra, com a linguagem, com a cultura, com saúde e com direitos da natureza, formando uma agenda de ação que visa a autodeterminação histórica de suas epistemologias. Os movimentos indígenas contemporâneos envolvem movimentos internos de revitalização cultural e oposição às instituições que não consideram a agenda indígena em suas práticas governamentais e em estratégias externas de alianças com grupos não indígenas (Smith, 2018).

Projetos como "Selvagem - Ciclo de estudos sobre a vida", iniciado por Ailton Krenak, promovem o encontro entre saberes ancestrais e científicos, criando a Comunidade Selvagem, uma rede de produção de materiais e cursos sobre o pensamento indígena. Esta iniciativa exemplifica como as plataformas digitais podem ser utilizadas para compartilhar memórias e perspectivas indígenas, rompendo com a hegemonia audiovisual tradicionalmente dominada por grandes mídias. Davi Kopenawa Yanomami, em sua luta contra a invasão ocidental de imagens e mercadorias, utiliza a palavra como uma "flecha" para atingir os corações e comunicar a importância da sabedoria indígena para a preservação ambiental.

Em obras como "A Queda do Céu" e "O Espírito da Floresta", Kopenawa (2014, 2023) destaca a interconexão entre os seres da floresta e os humanos, propondo um retorno à imagem-essência das coisas através de uma abordagem que privilegia a experiência direta e a sabedoria intrínseca da natureza. Confrontando a discordância cultural entre a noção ocidental de imagem e a concepção indígena de "utupë a", o xamã Yanomami destaca a importância da imagem não apenas como representação visual, mas como manifestação espiritual e cultural. Os xamãs revelam o verdadeiro centro e interior dos seres da floresta ao fazerem descer os corpos-imagens dos espíritos xapiri pë, proporcionando conhecimento e renovando os pensamentos dos Yanomami. Este estudo ensina a sonhar sobre a terra-floresta, por meio de um xamanismo diplomático que conecta a "terra-

floresta" global com as "terras florestas" locais, destacando uma relação geográfica fractal.

Rafael Bautista (2022), filósofo Aymara, argumenta que, para o bem-viver, o espaço é vivido como proveniência e que a memória da terra é vital para a existência. Sem memória, não há futuro, e a memória ancestral é fundamental para conectar passado e presente de maneira não cronológica. Para Bautista, o passado sustenta o presente e está no solo e nos céus, sendo necessário para a reconciliação com o tempo. Esta perspectiva é reforçada por Ailton Krenak (2023), que, no projeto "Vigília da Oralidade", enfatiza a importância das memórias ancestrais para entender nossa relação com a Terra. Krenak destaca que, sem memória, a existência se torna imaterial e irreal, e ressalta a importância de compartilhar memórias em volta do fogo, um processo que mantém viva a história e a experiência coletiva.

Sandra Benites (2022) observa que a linguagem, área de foco dos projetos de pesquisa indígena, possui uma profundidade, para os povos Guarani, que é vivenciada, sentida e experimentada, não apenas verbalizada. As palavras têm um poder profundo e são fundamentais para a saúde emocional e espiritual dos indígenas, pois a linguagem é uma expressão do ser e está ligada à identidade e ao bem-viver Guarani.

Kopenawa diferencia entre "pôr em imagem" e "tornar-se imagem", destacando a cosmopolítica dos xamãs, que envolve a transdução e a 'presentificação' dos seres-imagens, desafiando nossa concepção convencional acerca da racionalidade e das práticas da sociedade de consumo. Assim, AMNIGA, Krenak, Linda Tuhiwai, Davi Kopenawa, Rafael Bautista, Sandra Benites, e outros pensadores indígenas de Abya Yala fazem uma análise crítica à superficialidade das mentalidades, das mídias hegemônicas, das pesquisas acadêmicas e das imagens produzidas pela sociedade de consumo, comparando-as às imagens ancestrais que sabem fazer dançar os espíritos para proteger a floresta global.

Considerações Finais

A cosmovisão indígena de interconexão entre corpo, mente e natureza oferece uma visão holística essencial para o bem-viver e a preservação ambiental. A disseminação de conhecimentos ancestrais por meio da oralidade e da internet fortalece a memória coletiva e a identidade cultural dos povos indígenas. A resistência contra narrativas excludentes e a valorização da memória ancestral são fundamentais para a saúde emocional e espiritual

dos indígenas e para a promoção de práticas de saúde baseadas na ética do bem-viver. Dessa forma, a visão indígena desde Abya Yala sobre a interconexão entre a natureza e a mente de todos os seres vivos oferece um campo de conhecimento potente que desafia e complementa as abordagens epistemológicas e categóricas tradicionais, promovendo uma compreensão mais profunda e ética do nosso lugar no mundo.